



RELICI

**A VIAGEM ESPIRITUAL DE KITTY FANE EM TEMPOS DE CÓLERA: ESTUDO  
SOBRE O ROMANCE *O VÉU PINTADO*, DE SOMERSET MAUGHAM E A SUA  
ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA (JOHN CURRAN, 2006)<sup>1</sup>**

*THE SPIRITUAL TRIP OF KITTY FANE IN TIMES OF CHOLERA: STUDY ON THE  
ROMANCE PAINTED VEIL, BY SOMERSET MAUGHAM AND ITS  
CINEMATOGRAPHIC ADAPTATION (JOHN CURRAN, 2006)*

Sara Vitorino Fernandez<sup>2</sup>

**RESUMO**

Através do estudo do romance *O Véu Pintado*, de Somerset Maugham, publicado em 1925, e da sua adaptação cinematográfica realizada por John Curran (2006), pretende-se descrever o percurso vivencial da personagem principal feminina, Kitty Fane, e relacionar a sua viagem física até uma comunidade rural chinesa com um percurso vivencial e psicológico em direcção a uma purificação espiritual.

**Palavras-chave:** *O Véu Pintado*, Somerset Maugham, John Curran, literatura de viagens, literatura, cinema.

**ABSTRACT**

Through the study of the novel *The Painted Veil*, by Somerset Maugham, published in 1925, and its cinematographic adaptation directed by John Curran (2006), we intend to describe the experiential journey of the main female character, Kitty Fane, and relate her physical journey to a rural Chinese community with an experiential and psychological path towards spiritual purification.

**Keywords:** *The Painted Veil*, Somerset Maugham, John Curran, travel literature, literature, cinema.

---

<sup>1</sup> Recebido em 15/08/2020. Aprovado em 02/09/2020.

<sup>2</sup> Universidade de Lisboa. sara.faria.fernandez@gmail.com

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 98-122, set,  
2020

ISSN: 2357-8807



RELICI

A Literatura de Viagens, como género literário, privilegia as experiências, as descobertas e as reflexões a partir do ponto de vista do viajante como autor. Muito mais do que diários ou guias de viagem, estes textos destacam as impressões, as reacções pessoais e o que se experiencia em contacto com o Outro ou até, em contacto consigo mesmo. Passando dos textos literários às imagens, o Cinema é o grande adjuvante ao materializar as palavras em paisagens que podemos agora ver e não só imaginar. A temática da viagem passada ao Cinema parece ser a derradeira intenção do autor de Literatura de Viagens – a partilha, agora em imagens, do que se experienciou com o receptor. O encontro entre a Literatura e o Cinema surge como uma viagem desde a palavra até à imagem e desde o poder da imaginação até à realidade, mesmo que esta realidade seja ficcionada. Esta dinâmica entre Artes propicia igualmente a reflexão sobre técnicas narrativas literárias e fílmicas, como se expressam, como se fundem, como se inter-relacionam.

As ideias da condição humana como viagem e do ser humano num constante movimento em busca de um caminho são motivos recorrentes nas narrativas de viagens. Também a relação entre a viagem física que proporciona o encontro com o Outro, e a viagem interior de introspecção, evolução espiritual, auto-conhecimento e purificação moral que conduz a uma transformação do sujeito relacionada com a aprendizagem gradual no tempo e no espaço são motivos privilegiados. Neste caso específico, a viagem física corresponde a uma viagem espiritual que transforma a personagem e, apesar do contacto com o Outro e do conhecimento que o Outro transmite, importam mais a auto-reflexão e o auto-conhecimento adquiridos na experiência pessoal.

No estudo das adaptações cinematográficas de obras literárias é constante a procura de pontos de contacto entre o texto literário e a narração visual. A literatura de viagens é um género que se torna privilegiado quando a obra de arte passa da palavra à imagem. Nas narrativas de viagem – sejam elas literárias ou



RELICI

111

cinematográficas – a paisagem surge como o materializar da emoção do sujeito. Neste caso, o exterior que é mostrado ao receptor exprime o estado de alma da personagem. A observação da paisagem surge como um dos meios privilegiados de compreensão psicológica.

A evolução moral de Kitty Fane, personagem principal do romance de Somerset Maugham, publicado em 1925, aparece relacionada com a evolução dos cenários e paisagens, desde os espaços confinados (quartos, salas, gabinetes) que simbolizam a vida frívola e o adultério da personagem, até às paisagens naturais verdejantes dos campos de bambu, dos campos de arroz e dos rios que surgem no romance e no filme e que anunciam a mudança num sentido de purificação moral da personagem. No caso da personagem Kitty, no texto literário, a evolução vai desde a futilidade, o adultério, a desilusão com o amante até à ajuda à comunidade onde Kitty se vê inserida, ao sentimento de admiração pelo marido, à gravidez, à morte do marido, à sensação de liberdade e mudança, à decisão de acompanhar o pai e vontade de dedicar-se ao pai e à criança que vai nascer.

No filme de 2006, realizado por John Curran, a evolução da personagem tem um carácter mais conciliador e agradável ao espectador, havendo uma reconciliação entre os esposos desavindos e um perdão no leito de morte de Walter, o marido de Kitty. Como adaptação cinematográfica, o filme dirigido por Curran perde muito do cinismo cruel presente no romance e apresenta-nos uma Kitty redimida, sem hesitações ou falhas no seu percurso. É um filme visualmente belo e que tira partido do simbolismo da paisagem e da cultura oriental para demonstrar o quão peculiar é o carácter das personagens. Pelo contrário, o texto de Maugham é um texto duro, que mostra ao leitor a crua humanidade das personagens nas suas múltiplas facetas. Exemplo disso é o reencontro de Kitty e Charlie Townsend, já depois da morte de Walter, em que ela cede uma vez mais aos avanços do antigo amante:

–Porca! – exclamou para a sua imagem. – Porca!



RELICI

[...] Ele estava justificado. Tinha tido razão em não querer casar com ela, pois ela era indigna e não valia mais que uma prostituta. [...] E, além do mais, ali, naquela casa, para onde Dorothy a trouxera quando ela sofria e estava cruelmente desolada. [...] Agora estava tudo perdido. Julgara-se mudada, julgara-se forte, julgara ter voltado para Hong-Kong como uma mulher dona de si própria. [...] E, no entanto, era uma escrava. Fraca, pusilânime! Não havia esperanças, não valia a pena tentar. Era uma porca! (Maugham, s.d. :249-250).

O filme de Curran inicia-se já com a viagem dos Fane a Mei-Tan-Fu e mostra uma paisagem rural, verdejante, mas chuvosa. Dois viajantes são deixados numa estrada enlameada. Vemos um homem aparentemente calmo e uma mulher visivelmente irritada. Depois, vão-se intercalando cenas em *flash-black* que explicam ao espectador o porquê daqueles viajantes estarem ali. O romance inicia-se “na escuridão do quarto, de persianas fechadas” (Maugham, s.d.: 13), em casa dos Fane, onde Kitty recebe o amante. Os espaços fechados estão relacionados com a personagem feminina antes da mudança de carácter. Temos, como exemplo, o quarto alugado onde Kitty habitualmente se encontra com Charlie Townsend descrito como um lugar sórdido:

Nessa casa de antiguidades, os chineses que ali se detinham a conversar olhavam-na de uma maneira desagradável. Detestava o sorriso aliciante do velho que a acompanhava às traseiras da loja e, depois, a um escuro lance de escadas. O quarto aonde ia era imundo e a larga cama de madeira, encostada à parede, causava-lhe repulsa (Maugham, s.d.: 20).

Já em Mei-Tan-Fu, Kitty tem um primeiro contacto com a paisagem em todo o seu esplendor e que lhe provoca uma forte emoção que a leva às lágrimas.

O bangaló ficava a meio caminho do alto da colina, e da sua janela Kitty via lá em baixo o rio estreito e, mais adiante, a cidade. A madrugada acabava de romper e do rio subia um nevoeiro branco que amortalhava os juncos apinhados no porto. [...] A manhã avançava e o Sol tocava a névoa cuja alvura brilhante era um fantasma de neve pairando sobre um mundo morto. [...] Mas de repente, emergindo da nuvem branca, surgiu um alto bastião, imponente e sombrio. Não parecia revelar-se à luz do Sol que tudo descobria, mas antes erguer-se do nada, ao toque de uma vara mágica. Aprumava-se altaneiramente sobre o rio, como fortaleza de uma raça bárbara e cruel. [...] Não era uma fortaleza nem um templo, mas um palácio



RELICI

113

mágico de um imperador dos deuses, onde nenhum homem podia entrar. Era demasiado etéreo, fantástico e imaterial para que fosse obra humana: era o lavor de um sonho.

As lágrimas corriam pelo rosto de Kitty, e ela fitava sem ver, com as mãos apertadas contra o peito e a boca entreaberta, ofegante. Nunca sentira tanta leveza e tranquilidade, como se o seu corpo fosse um despojo que lhe jazesse aos pés e ela puro espírito. Ali estava a Beleza. Aceitava-a como o crente recebe na boca a hóstia que é Deus (Maugham, s.d.: 110-111).

Também os ambientes aquáticos têm uma incontestável importância, tanto no romance de Maugham como na adaptação cinematográfica dirigida por John Curran. Na versão de Curran a água é a diferença entre a vida e a morte no meio da epidemia de cólera que domina Mei-Tan-Fu. Walter Fane, médico bacteriologista, luta desde o início para purificar a água bebida pelos habitantes da cidade. Finalmente, com a ajuda dos militares da região, consegue construir um rudimentar aqueduto que transporta água potável para a cidade, o que lhe permite controlar drasticamente a epidemia. À medida que o médico vai conseguindo purificar a água da cidade, também a relação com a sua esposa adúltera se vai descontaminando do adultério no sentido de uma purificação. Belíssima é a cena em que Walter mostra a Kitty como funciona o aqueduto. Ambos vão numa canoa e estão rodeados pelo esplendor da paisagem natural. Apesar da acção da purificação da água não estar no texto narrativo de Maugham, a simbologia do rio toma uma faceta mais filosófica:

Sentaram-se nos degraus de um pequeno pavilhão [...] e ficaram a olhar as águas preguiçosas do rio, que serpenteava para a cidade empestada. [...] O calor pairava sobre a cidade como uma mortalha. Mas o rio, embora deslizasse tão vagarosamente, ainda era algo que andava e trazia um sentimento melancólico sobre a transitoriedade das coisas. Tudo passava, e que vestígio deixava? Kitty pensava que todos, toda a raça humana, eram como as gotas de água naquele rio, e ali fluíam, tão juntos um do outro e contudo tão distantes, fluíam para o mar num caudal sem nome. Se todas as coisas duravam tão pouco e nada tinha grande importância, parecia lamentável que os homens, ligando uma importância absurda a coisas triviais, se tornassem infelizes uns aos outros (Maugham, s.d.: 168).



RELICI

A passagem da água surge como símbolo de um fluir da vida e da mesquinhez de alimentar conflitos. A água é também símbolo da abnegação exigida perante a inevitabilidade da vida. Kitty, perante o estado caótico em que se encontra a sua vida e perante o cenário de incerteza e morte com que se depara no lugar onde está, vai começando a aperceber-se que há algo superior a que ela aspira, algo que ela procura e que não é simplesmente vida conjugal ou social. A personagem Waddington, que funciona muitas vezes, tanto no romance como na adaptação cinematográfica de John Curran, como a consciência de Kitty e a sua ligação a uma realidade sem rodeios nem máscaras, fala-lhe de algo mais profundo:

– É o Caminho e o Caminhante. É a estrada eterna por onde todos os seres caminham, e que nenhum ser fez, pois ela própria é ser. É tudo e é nada. Todas as coisas surgem desse Caminho, com ele se conformam e a ele voltam finalmente. É um quadrado sem ângulos, um som que os ouvidos humanos não percebem, uma imagem sem forma. [...] É o santuário onde todas as coisas encontram refúgio. “Deseja não desejar”, ensina ele, “e deixa todas as coisas seguirem o seu curso. Aquele que se humilha será preservado na sua inteireza. [...] A derrota é a base do triunfo e o triunfo é a emboscada da derrota. [...] Poderoso é quem se vence a si próprio” (Maugham, s.d.: 219).

O “caminho” de Kitty, desde a rapariga fútil que se casa para fugir ao desdém materno até à viúva que se sente livre para cuidar do filho que espera e do pai a quem nunca deu muita atenção, é um caminho de procura de personalidade. Apesar de lamentar profundamente a morte do marido, Kitty, no texto de Maugham, sente-se agora uma mulher na demanda do seu próprio percurso.

Assim como uma rica melodia de harpa percorre em arpejos exultantes as complicadas harmonias de uma peça sinfónica, um pensamento fazia-lhe pulsar insistentemente o coração. Era esse pensamento que dava aos campos de arroz a sua beleza exótica [...]. A cidade da peste era uma prisão donde ela havia escapado, e ela nunca soubera como o azul do céu era intenso e quanta alegria e quanto gosto havia nas alamedas de bambus que com uma graça adorável se inclinavam para a estrada. Liberdade! Era o pensamento a cantar de tal modo no seu coração que, embora o futuro fosse tão sombrio, era iridescente como o nevoeiro sobre o rio onde caía o Sol da manhã. Liberdade! [...] Liberdade do amor que a tinha degradado, liberdade de todos os liames espirituais, liberdade de um espírito



RELICI

115

desencarnado. E, com a liberdade, a coragem e uma valorosa indiferença pelo que pudesse acontecer (Maugham, s.d.: 232-233).

Na adaptação cinematográfica realizada por John Curran, e que foi lançada em 2006, não nos é mostrada esta faceta de Kitty. A versão cinematográfica usa a liberdade artística do realizador para nos apresentar personagens mais conciliadoras e menos cínicas e brutais. O casal Fane, ao longo do filme, vai amadurecendo a sua relação e mostra-se capaz de superar a traição de Kitty. A mudança de carácter de Kitty através da confrontação com a realidade, desde a atitude covarde do amante até à abnegação do marido e da comunidade de freiras perante uma epidemia de cólera, é acompanhada pela constatação por parte de Walter de que esperava mais da mulher do que ela era capaz de conceder. Uma rapariga frívola, educada pela mãe para conseguir um casamento proveitoso que lhe permitisse ascender socialmente, cuja única ambição era frequentar jantares, festas, jogar ténis ou golf, que admirava homens atléticos e bem-falantes na sociedade, casou com um médico de carácter reservado, que a levou para um sítio exótico mas que acabou por se revelar entediante. Apesar da sua aparente desenvoltura e experiência na sociedade, Kitty acabou por se deixar seduzir por Charles Townsend, um funcionário colonial socialmente experiente, casado com uma mulher influente na colónia e habituado a *affairs* extra-conjugais. A descoberta do adultério desencadeia a partida do casal Fane para uma cidade assolada pela cólera. Kitty, a partir da chegada à nova cidade, entra em contacto com personagens que lhe desvendam um mundo para lá da futilidade do *beau-monde* britânico. A abnegação do marido e de outras personagens perante um cenário de tragédia levam-na a adquirir sensibilidade e admiração e a desprezar aquilo que julgava que era a única realidade que importava. Na cena final do filme, e apesar da dúvida em relação à paternidade, Kitty Fane assume-se como viúva do Dr. Fane e mãe de um rapazinho de cinco anos



RELICI

116

chamado Walter, desprezando um último avanço de Charlie Townsend, rematando perante uma pergunta do filho, que o Sr. Townsend era um homem sem importância.

No texto de Somerset Maugham, Kitty é-nos apresentada como instrumento para ascensão social por parte da família.

[...] Era nas filhas que depositava as suas esperanças. Conseguindo-lhes bons casamentos, esperava compensar todas as decepções da sua vida. [...] Kitty era uma beldade. [...] Mrs. Garstin prodigalizava-lhe toda a sua afeição, a afeição calculista, medida e severa de que era capaz, e entretinha sonhos ambiciosos, pretendendo para a filha um casamento não apenas bom, mas brilhante. [...] A sua primeira temporada social decorreu sem que se apresentasse o perfeito pretendente, assim como a segunda. Mas Kitty era nova e podia esperar. [...] Contudo, passou-se terceiro ano, e depois quarto. [...] Mrs. Garstin começou a inquietar-se. [...] Kitty chegou aos vinte e cinco anos... ainda solteira. Mrs. Garstin, exasperada, não hesitou em dizer à filha as coisas desagradáveis que pensava e perguntou-lhe por quanto tempo esperava ainda que o pai a sustentasse. [...] Jamais ocorreu a Mrs. Garstin que talvez a sua própria agressiva afabilidade tivesse afugentado os candidatos, filhos de pais ricos ou herdeiros de títulos, cujas visitas estimulava com excessiva cordialidade. [...] Kitty, em pânico, casou-se com Walter Fane (Maugham, s.d. : 30-33).

A vida marital resultou ser decepcionante e Kitty cedo embarcou numa aventura extra-conjugal com um envolvente funcionário administrativo da colónia. Procurava uma mudança em si própria, mas, apesar da paixão que a consumia, nada pareceu mudar.

Hesitara algum tempo antes de dar o passo final, não porque se recusasse a ceder à paixão de Charlie, tão grande como a sua, mas porque a educação e demais convenções da sua vida a intimidavam. Admirara-se depois [...] ao verificar que continuava a mesma de antes. Esperara uma fantástica transformação em si própria, algo que mal podia imaginar e que a faria sentir-se outra pessoa, mas quando se olhava ao espelho não compreendia que a sua imagem fosse exactamente a mesma do dia anterior (Maugham, s.d. : 52).

Depois de descoberto o adultério por parte de Walter, da atitude de Charlie, da viagem até Mei-Tan-Fu, Kitty trava conhecimento com o inspector da alfândega, Waddington, que lhe faz um retrato do antigo amante não muito lisonjeiro e a mantém ligada à realidade social. Waddington surge como uma ponte entre a



RELICI

117

realidade chinesa e sociedade britânica que lutava para manter a compostura. Personagem peculiar, Waddington considerava-se lúcido o suficiente perante o que se passava à sua volta para afirmar que “somos aqui as únicas pessoas que pisam tranquila e pacificamente a Terra. As freiras caminham no Céu e o seu marido...no escuro” (Maugham, s.d. : 117). Foi esse mesmo contacto com as religiosas católicas do convento de Mei-Tan-Fu que começou a despertar Kitty para um mundo de sentimentos que lhe permitiram conhecer facetas de si própria e do marido que não sabia possíveis.

Nunca teria acreditado que aquela visita ao convento pudesse comovê-la tanto. Fora lá por curiosidade. [...] No entanto, uma vez dentro do convento, pareceu-lhe que fora transportada para outro mundo, estranhamente situado fora do tempo e do espaço. [...] a rotina em que prosseguia o trabalho do convento, no meio da epidemia, mostrava uma serenidade diante do perigo e um senso prático, quase irónico de tão prosaico, que impressionavam profundamente. [...]

Inesperado o modo como haviam falado de Walter. [...] Era estranho, mas sentira-se tão orgulhosa ao saber que tinham por ele tanta consideração. [...]

Desprezava-se agora porque antes havia desprezado Walter. [...] Não podia deixar de admitir que ele possuía qualidades notáveis, e às vezes chegava a reconhecer-lhe uma grandeza estranha e sem atractivos. Era curioso que não pudesse amá-lo e que ainda amasse um homem cuja falta de valor via agora tão claramente (Maugham, s.d.:140-141).

Através do testemunho das freiras, Kitty inicia uma mudança de carácter que a leva a tomar contacto com a sua própria humanidade e a ansiar uma reconciliação consigo própria e com o seu marido, Walter. Apesar do aviso de “que não se pode encontrar paz no trabalho ou no prazer, no mundo ou num convento, mas apenas na própria alma” (Maugham, s.d.: 155), Kitty procura uma paz interior através da ajuda que dá no convento a cuidar e a ensinar as meninas órfãs. Pelo contacto diário com histórias de extremo sacrifício ia-se tornando numa pessoa mais empática. Quando descobriu que estava grávida e tendo dúvidas da paternidade, sabendo que a



RELICI

118

atitude do marido iria com toda a certeza mudar se ela declarasse que era Walter o pai, escolheu expressar a dúvida para estar em pleno acordo com a verdade:

[...] Não podia mentir: ignorava porquê, mas simplesmente não podia. Tudo por quanto passara durante aquelas semanas amargas [...] , tudo parecia tê-la mudado tanto que ela própria não se reconhecia. Embora estivesse tão profundamente comovida, outra pessoa na sua alma parecia observá-la com terror e surpresa. Precisava de dizer a verdade (Maugham, s.d.: 180).

A mudança é tão explícita que Walter, já um tanto inclinado a perdoar a esposa sem, no entanto, o querer reconhecer, espanta-se que Kitty seja “capaz de deixar as suas comodidades por causa de umas freiras bafientas e de umas dezenas de garotas chinesas” (Maugham, s.d.: 187). Quando tudo parece compor-se, acontece uma fatalidade. Walter morre inesperadamente de cólera e Kitty tem que abandonar Mei-Tan-Fu. Regressa a Hong-Kong para ser ironicamente alojada pelo casal Townsend, acaba por ceder uma vez mais aos avanços do antigo amante e, sentindo repulsa por si própria, regressa a Inglaterra disposta a afrontar o que a Vida lhe puser pela frente. Durante a viagem de regresso recebe a notícia da morte da mãe e, quando finalmente regressa a casa, Kitty depara-se com um desconhecido que sempre fora deixado para trás na vida familiar: o seu pai. Kitty deseja agora acompanhar o pai, dando-lhe a importância que ele merece:

O meu coração confrange-se quando penso como temos vivido à sua custa durante toda a vida, sem nunca lhe darmos nada em troca, nem ao menos um pouco de afeição. Parece-me que o pai não teve uma vida muito feliz. Porque não me dá uma oportunidade de tentar reparar um passado em que nada fiz por si? (Maugham, s.d.: 268).

O romance termina com uma mensagem de esperança para todas as mulheres:

Desejo uma menina, pois quero educá-la para que não cometa os erros que eu cometi. Quando me lembro da rapariga que fui, odeio-me. Mas nunca tive uma oportunidade. Vou criar a minha filha para que ela seja livre e ande com os próprios pés. Não vou deitar uma criatura ao mundo e amá-la e educá-la apenas para que um homem, tendo muito desejo de dormir com ela, esteja disposto a dar-lhe casa e comida para o resto da vida (Maugham, s.d.: 269-270).



RELICI

Em conclusão, o percurso de Kitty Fane e o seu contacto com cenários, diversas personalidades e situações produzem nela uma mudança de carácter num sentido de purificação do espírito, de humanidade, empatia, coragem e independência. Mais do que uma viagem física de contacto com o Exótico, o romance de Somerset Maugham, *O Véu Pintado* e a sua adaptação cinematográfica realizada por John Curran retratam uma viagem espiritual.

## REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Maria Cristina Daniel *et alii* (org.), 2013, *O Imaginário das Viagens. Literatura, Cinema, Banda Desenhada*, Edições Húmus, Vila Nova de Famalicão.

HULME, Peter, YOUNGS, Tim (editors), 2002, *The Cambridge Companion to Travel Writing*, Cambridge University Press, Cambridge.

MAUGHAM, Somerset, s.d., *O Véu Pintado*, Edição Livros do Brasil, Lisboa.